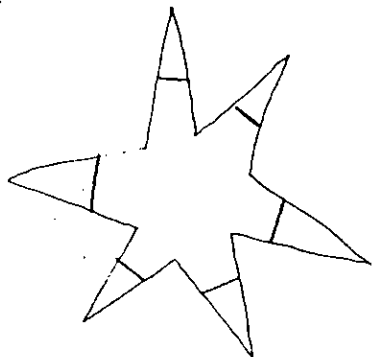


Escrever em universo de imagens

Vilém Flusser

Querer ser escritor parece atualmente desejo tolo. Por duas razões aparentemente opostas. A primeira é que a atual inflação de textos desvaloriza toda escrita. A segunda é que o alfabeto é um código "ultrapassado": imagens técnicas são mais operativas. O que, por certo, impõe a questão seguinte: se o alfabeto, esse código arcaico, é tão pobre em comparação com o vídeo ou o sintetizador, por que será que tantas toneladas de papel vão sendo diariamente cobertas por ele? Apenas para que as árvores doentes sejam aproveitadas antes que morram as florestas?



A fim de respondermos, devemos distinguir entre a escrita alfabética e a de tipo diferente. Escritores são, no contexto cultural ocidental, gente que manipula as letras. É este tipo de gente que está se tornando redundante. Os que manipulam ideogramas, (por exemplo números ou símbolos de linguagem de computador), vão se tornando cada vez mais indispensáveis. Imagens técnicas, ao contrário das imagens tradicionais, resultam de textos desse tipo. Resultam de "programas". Pois programas são, como diz o próprio termo, "pré-textos". Não são "literatura". No futuro, haverá necessidade sempre maior de programas, pretextos, prescrições, e sempre menor de literatura. Não é o futuro do escrever em geral, é o futuro do escrever literal que está em causa.

Escritores são gente que computa letras para fazer com elas conjuntos chamados "livros". Será tal tipo de computação tão arcaico quanto o é calcular com ábacos ou com dedos? Será a espécie "escritor" condenada à extinção, malgrado os esforços de clubes ecológicos que protegem a natureza, como o é o Pen Club? Ou será que letras emanam tal fascínio que sempre seduzirão alguns para as manipularem, e que fascínio é este? Qual é a voz que parte das letras e chama as pessoas a serem escritores? Qual é a vocação que faz com que a amostra de Frankfurt consiga todo ano reunir selvas de livros na qual não se consegue abrir picada, por mais agudo que seja o machete crítico empregado? Que poder se esconde nas letras?

Façamos um pouco de fenomenologia. Por exemplo: o A maiúsculo permite ver, até no seu estágio de senilidade avançada nesta máquina de escrever, como os chifres de um touro semítico, ("Aleph"), se dirigem contra o chão afim de revolvê-lo. Ou: o C maiúsculo permite ver e sentir os perfumes do Oriente portados nas costas curvas de camelos, ("Gimul"), em direção do porto mediterrâneo no qual o alfabeto foi inventado. No entanto: não creio que é esta beleza pictográfica das letras que seduz os escritores. A menos que sejam poetas concretos que se interessam por arqueologia. Por certo: os monges medievais conheciam tal beleza, e faziam com que toda uma fauna e flora cercasse o A maiúsculo, mas eles escreviam *ad maiorem Dei gloriam*, coisa que não mais acontece habitualmente. Outro deve ser o fascínio das letras que atrai os escritores.

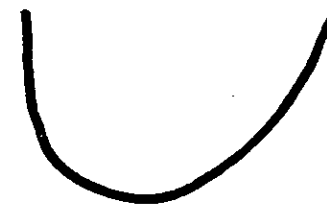
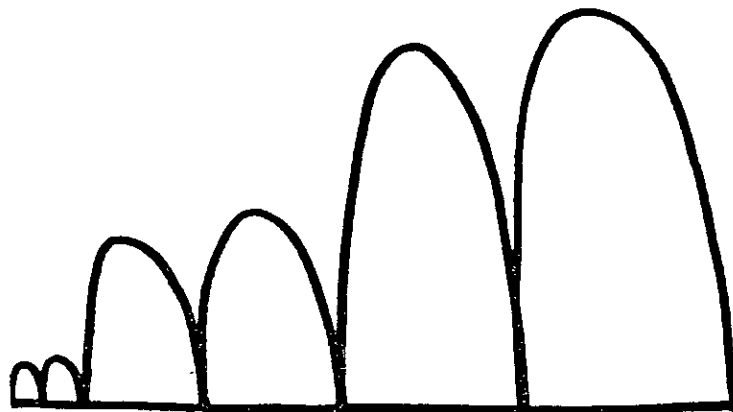


ilustração: Laurita Salles



Letras são símbolos que, por convenção, significam sons falados. Por exemplo: "a" significa convencionalmente o primeiro som da palavra semítica "aleph", (touro). Apenas quem conhece a convenção, pode decifrar letras. Letras são "herméticas", acessíveis apenas para os iniciados, embora tendamos a esquecer isto depois da instauração da escola obrigatória para todos. Os letrados do passado eram iniciados, e como tais governavam a sociedade. Eram uma espécie de sacerdotes de Hermes Trismégistos, e um mistério os cercava. Será que algo de tal hermetismo ainda adere às letras?

O alfabeto é um código que significa sons de línguas faladas, e o faz convencionalmente. Depende do convênio o som que determinada letra vai significar para o iniciado. Por exemplo: a letra "a" significa um som diferente no contexto "that" e no contexto "água". Tal multiplicidade de convênios permite aos 26 símbolos do código alfabético que signifiquem tudo que pode ser dito. Todas as línguas podem ser representadas alfabeticamente, inclusive o Toltec e o Mandarino. Os 26 símbolos do alfabeto permitem tornar visual tudo que é dito. E talvez também muito que não pode ser dito. Os 26 símbolos podem tornar visível até o inaudito. Creio que começamos a nos aproximar do fascínio do alfabeto.

O alfabeto é notação de línguas faladas, e línguas faladas são coisas inacreditáveis. Se não as conhecêssemos, não acreditaríamos que são possíveis. São elas, (cada qual delas), simultaneamente a maior obra do espírito humano, e o chão do qual brota o espírito humano. Toda língua possui seu próprio ritmo, sua própria melodia, sua própria estrutura, seu próprio universo de significados. Pois o alfabeto é rede que capta todas as línguas. O escritor é pescador que lança sua rede no oceano das línguas, para pescar suas maravilhas. Creio que começamos a intuir seu motivo.

Para poder captar línguas na rede alfabética, é preciso violentá-las. Porque o alfabeto impõe sua própria estrutura sobre a língua. Pois as línguas resistem à violentação, cada qual à sua maneira. Há línguas viscosas que escapam entre os dedos, outras que quebram sob pressão, mais outras que se retorcem. No curso da luta amorosa entre escritor e língua as regras linguísticas vão sendo infringidas, e novas regras vão surgindo. O mesmo vale para os ritmos e as melodias. Vão surgindo novos universos de significado. No romantismo chamava-se a isto

de "poesia". Atualmente é preferível dizermos que o escritor brinca com as línguas pela estratégia do alfabeto. Pois o jogo linguístico é, ao lado do matemático e o musical, o mais apaixonante. O escritor é jogador inebriado. Creio que o fascínio do escrever é muito próximo do da roleta e do poker.

Quem compõe letras procura captar a língua falada na rede visual do alfabeto. A língua a ser captada está armazenada na memória de quem escreve. Penetrou tal memória, em parte apreciável, sob forma de letras lidas. A língua a ser captada pelo escritor já tem passado por redes de numerosos pescadores precedentes. Quem escreve exerce gesto que não passa de elo de cadeia. Quando escrevo apanho o que me foi dado por precurso, afim de transmiti-lo a sucessores. Estou imerso na correnteza da história da literatura. Em discurso que brotou do Mediterrâneo oriental há quase 4000 anos, e que ameaça atualmente desembocar no oceano das imagens técnicas que me cercam. Escrevo para que o majestoso rio da história ocidental não estagne. Creio ser este o engajamento dos escritores.



A língua que brota da minha memória para ser captada na rede das letras é sucessão de ondas que se sobrepoem uma sobre a outra. Brota com a violência de uma fonte. As letras são elementos claros e distintos, são 26 eclusas. As ondas da língua representam pensamentos, desejos, mandamentos, imagens. Ao se chocarem contra as 26 letras, elas adquirem formas claras e distintas. O alfabeto obriga a língua a se formular claramente. Impõe ordem sobre a maleabilidade amorfa dos pensamentos. O alfabeto é o crítico da língua "silenciosa". São "válidos" apenas os pensamentos que passam pelo crivo das letras. O escritor é o crítico de seus próprios pensamentos. Uma das funções do alfabeto é criticar pensamentos. O alfabeto é código para a crítica do pensamento. Se as

imagens técnicas eliminassem o alfabeto, a faculdade crítica estaria ameaçada. Creio ser isto a função dos escritores: manter a faculdade crítica viva.

Recapitulo: o escritor é a pessoa que computa sinais semíticos a fim de tornar visível uma língua falada. Há algo de convencional, de hermético, nisto. Há nisto um jogo com línguas. Há nisto um quê de embriaguez com um jogo. Há nisto um engajamento em prol da continuação da história do Ocidente. Há nisto um sabor de crítica do pensamento. E há, sobretudo, um quê de criatividade de novos universos de significado. Seria uma pena se tudo isto fosse eliminado pelas imagens técnicas que estão emergindo.

O alfabeto, visto friamente (tecnicamente), está superado. Videotecas são memórias mais satisfatórias que bibliotecas. Imagens de duas dimensões carregam mais informações que textos lineares. É mais operativo transmitir, não importa que mensagem (seja ela dialógica, ou discursiva como o é a científica, filosófica, poética ou política), por intermédio de imagens que por textos. O alfabeto exige suporte material (papel, etc.), e a imagem pode passar pelo campo eletromagnético sem suporte. Teletextos são arcaizantes. Imagens falam, e não é mais preciso visualizar a língua falada. Não é razoável querer escrever alfabeticamente.

Mas os escritores não são gente razoável. Teimam. Deus os proteja.